

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

CÉSAR DE ALMEIDA JÚNIOR

A PANDEMIA E O NEGACIONISMO DE IGREJAS  
CRISTÃS FUNDAMENTALISTAS BRASILEIRAS

VITÓRIA-ES

2021

CÉSAR DE ALMEIDA JÚNIOR

A PANDEMIA E O NEGACIONISMO DE IGREJAS  
CRISTÃS FUNDAMENTALISTAS BRASILEIRAS

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de  
Artigo como requisito parcial para obtenção do  
grau de Bacharel em Teologia. Faculdade  
Unida de Vitória.

Orientador: Julio Cezar de Paula Brotto

VITÓRIA-ES

2021

## A PANDEMIA E O NEGACIONISMO DE IGREJAS CRISTÃS FUNDAMENTALISTAS BRASILEIRAS

*César de Almeida Júnior<sup>1</sup>*

Resumo: O artigo apresenta o assunto da pandemia mundial, causada pela disseminação do novo coronavírus, causador da Covid-19, uma doença potencialmente mortal em muitos casos, que vitimou milhares de pessoas ao redor do mundo, e a postura negacionista identificada em igrejas cristãs pentecostais, com relação às orientações científicas da necessidade de distanciamento social, como meio necessário para contenção da contaminação e dos possíveis desdobramentos mais graves da doença. O negacionismo trata-se da rejeição de conceitos básicos e incontestáveis, consensualmente amparados pelos achados científicos, em detrimento de distorções e alienações da não aceitação destes. Procurou-se evidenciar a importância do discurso teológico, baseado na ética cristã numa perspectiva de Roy May, uma vez que, mesmo diante das comprovações científicas de que o contato físico entre as pessoas propaga o vírus rapidamente, algumas denominações evangélicas irresponsavelmente sustentaram o discurso de manutenção da presença física nos templos, cultos e eventos religiosos nos momentos mais críticos da pandemia no Brasil, que já ultrapassou meio milhão de mortos.

Palavras-chave: Pandemia. Distanciamento Social. Negacionismo. Igrejas Pentecostais.

## THE PANDEMIC AND THE NEGATIONISM OF BRAZILIAN FUNDAMENTAL CHRISTIANS CHURCHES

Abstract: This study presents the issue of the worldwide pandemic, caused by the spread of the new Corona Virus, which causes Covid-19, a potentially deadly disease in many cases, which has killed thousands of people around the world, and the denial stance identified in Christian churches Pentecostals, in relation to the scientific guidelines of the need for social distancing, as a necessary means to contain the contamination and the possible more serious consequences of the disease. Denialism is the rejection of basic and indisputable concepts, consensually supported by scientific findings, to the detriment of distortions and alienations of non-acceptance of these. We sought to highlight the importance of theological discourse, based on Christian ethics from a Roy May perspective, since, even in the face of scientific evidence that physical contact between people spreads the virus quickly, some evangelical denominations irresponsibly supported the discourse of maintenance of physical presence in temples, cults and religious events at the most critical moments of the pandemic in Brazil, which has already surpassed half a million deaths.

Keywords: Pandemic. Social distancing. Denialism. Fundamental Churches.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: almeida.advocacia@outlook.com.br.

## INTRODUÇÃO

No ano de 2020, o mundo se viu diante de uma grave crise sanitária em nível global, com a pandemia devido à infecção pelo novo Coronavírus denominado Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2 (SARSCoV-2) ou Síndrome Respiratória Aguda Grave 2, que provoca a Coronavírus Disease 2019 (Covid-19), detectado pela primeira vez na China em dezembro de 2019. Deste modo, a Covid-19 rompeu as fronteiras da China e os primeiros casos foram reportados na Tailândia, Japão, Korea disseminando-se pela maioria dos países ao redor do mundo.<sup>2</sup>

Uma das grandes dificuldades durante o período pandêmico foi a evidência científica de que a propagação do novo coronavírus é drasticamente acelerada pelo contato físico entre as pessoas, e pela falta de conhecimento científico sobre a doença, o grande temor era de que, os sistemas de saúde entrassem em colapso com alta demanda de infectados, a falta de leitos e respiradores para prestação de atendimento médico.

Diante disso, houve a necessidade de restrição do contato social. A OMS (Organização Mundial da Saúde) orientou exaustivamente, que para conter o número de contágio da doença, o distanciamento social e as medidas de prevenção como uso de máscara facial e álcool em gel 70% nas mãos eram, e ainda hoje são, mesmo depois das vacinas, essenciais para a redução de contaminação.

No entanto, observou-se a postura negacionista em igrejas cristãs pentecostais brasileiras com relação as orientações da necessidade de distanciamento social como meio necessário para contenção da contaminação e dos possíveis desdobramentos mais graves da doença. Diante desta realidade, a pergunta que se faz é: por que algumas denominações cristãs irresponsavelmente sustentaram o discurso de manutenção da presença física nos templos, nos cultos e eventos religiosos, num momento de crise sanitária gravíssimo contradizendo os estudos científicos? Quais os efeitos e consequências da postura negacionista adotada por tais igrejas, em meio a pandemia do novo coronavírus? Essa postura negacionista representa a manutenção das igrejas?

Neste estudo serão selecionadas e utilizadas pesquisas científicas que esclareçam a gravidade da pandemia da Covid-19 para ressaltar a importância dos cuidados com a saúde através das orientações da OMS, que baseada nos achados científicos sobre o novo coronavírus defendem e amplamente divulgam o distanciamento social, como medida emergencial de

---

<sup>2</sup> OPAS. *OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia*. 11 mar. 2020. [online]. [n.p.].

redução da contaminação nos momentos mais críticos da disseminação do vírus pelo mundo. Além disso, serão analisadas publicações que evidenciem o posicionamento de algumas igrejas pentecostais brasileiras contrárias ao distanciamento social e que até mesmo recorreram ao poder judiciário para manter as atividades presenciais no momento mais crítico da pandemia, visando descobrir quais as motivações para tais atos, que expressam uma postura negacionista no seu mais amplo conceito. Diante destes acontecimentos discutiremos como a ética da responsabilidade proposta pelo teólogo Roy May pode contribuir para que as comunidades cristãs, independentemente de suas denominações, possam pautar suas condutas nos indispensáveis princípios éticos.

## 1 BREVE PERCURSO HISTÓRICO SOBRE AS EPIDEMIAS E PANDEMIAS

Mesmo antes dos escritos bíblicos, os casos de graves epidemias e pandemias possuem registro histórico. As epidemias caracterizam-se pelo aumento no número de casos de uma doença em diversas regiões, sem, no entanto, atingir níveis globais; já a pandemia ocorre quando a doença atinge a população mundial.

Um dos registros mais antigos de epidemia é a Praga de Atenas ou Peste do Egito, ocorrida na Grécia, entre 430 e 427 a.C. Supõe-se que foi causada por água ou alimentos contaminados com resíduos humanos. Tucídides, historiador daquele tempo, descreveu que esta epidemia matou cerca de um quarto da população de Atenas e teria atingido parte do Mediterrâneo Oriental. O chefe político ateniense Péricles foi uma das vítimas fatais da doença que teria chegado ao Egito e a Líbia e se espalhado por todo o mundo helênico. Sem quaisquer conhecimentos sobre a natureza, letalidade, sintomas, e como conter seu rápido contágio, a classe médica da época, também morreu rapidamente.<sup>3</sup>

Entre o século I e o século IV d.C. algumas epidemias atingiram o Império Romano: em 79, após a erupção do Vesúvio, uma epidemia, provavelmente de malária, atingiu toda a região da Campagna; no ano de 125, a que ficou conhecida como Praga de Orosius, em função de ter sido descrita por Orosius, um historiador, possivelmente causada pela peste bubônica; e a Praga de Cipriano, entre 251-266, nome atribuída ao bispo em Cartago, África do Norte, Cipriano, que pode ter sido causada por causa do sarampo ou da varíola provocando inúmeras mortes.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> SOUZA, Camila D.; MORALES, Manuel A. D.; PIOVEZAN, Adriane. Apresentação Dossiê 11: epidemias e suas narrativas multidisciplinares ao longo da História. *Revista M.*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 11-21, 2021. p. 11-21.

<sup>4</sup> BRAY, Robert S. *Exércitos de pestilência: o impacto da doença na história*. Cambridge: ISD LLC, 2004. p. 196.

Existem também registros históricos que demonstram que o Império Romano entre os anos 165 a 180 d.C foi acometido por uma praga que afetou drasticamente sua população, cujas proporções geográficas e humanas nunca haviam sido vistas. A chamada Peste Antonina se configurou como uma das conjunturas médicas mais relevantes para o futuro do mundo clássico e ocidental.<sup>5</sup>

As pandemias mais notáveis e com amplas repercussões espaço-temporais na demografia humana são identificadas por um período de eventos destacados principalmente na literatura ocidental, embora sem precisão estatística, partindo do século XIV com a Peste Negra, até se chegar no século XX com a Gripe Espanhola.<sup>6</sup>

Os registros históricos mostram que a primeira pandemia de Peste Bubônica, também conhecida como Peste de Justiniano (541-542), devastou o império bizantino. A devastação ocasionada levou o império romano oriental ao declínio. Posteriormente outro surto da mesma doença, mais popularmente conhecida como Peste Negra, levou à morte, aproximadamente, um terço da população europeia, em meados do século XIV.<sup>7</sup>

Outra importante pandemia ocorreu no ano de 1918 no período da Primeira Guerra Mundial. Alguns soldados começaram a ser vítimas de uma doença até então desconhecida. Deram a ela o nome de Gripe Espanhola devido ao fato de que os jornais da Espanha, país que mantinha neutralidade na guerra, foram os primeiros a divulgar o surto que estava vitimando combatentes. Foi considerada a maior epidemia da história.<sup>8</sup> Portanto, a humanidade de tempos em tempos, teve de enfrentar grandes dificuldades com epidemias, e algumas pandemias que levaram grande número de pessoas à morte.

Existem registros que durante a Gripe Espanhola líderes católicos, protestantes e judeus se reuniam para discutir sobre as ordens do governo para fechamento dos locais de culto. Muitos acreditavam que seu ministério, num momento como esse, era mais do nunca indispensável, e que por isso deveriam manter-se abertos. Apesar de ter havido uma tentativa de manter pelo menos uma filial da igreja aberta, o pedido foi recusado. Porém, um médico, na cidade de Des Moines, Iowa, comentou que em seu trabalho em comunidades infectadas, havia visto que os cientistas [cristãos] eram os primeiros a obedecer à menor menção de condições insalubres, e

---

<sup>5</sup> SÁEZ, Andrés. La peste Antonina: una peste global en el siglo II d.C. *Revista chilena de infectologia*, Santiago, v. 33, n. 2 p. 218-221, 2016. [online]. p. 218.

<sup>6</sup> SENHORAS, Eloí M. Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. *Revista Boca*, Boa Vista, v. 1, n. 1, p. 30-35, 2020. [online]. p. 30.

<sup>7</sup> ROLLINS, Sarah E.; ROLLINS, Sean M.; RYAN, Edward T. Yersinia pestis e a peste. *Pathology Patterns Reviews*, [s.l.], v. 119, n. 1, p. 75-76, 2003. [online]. p. 75-76.

<sup>8</sup> KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a covid-19 no Brasil. *Revista Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 32, p. 1-19, 2020. [online]. p. 2.

os primeiros a adotar medidas fundamentais de saúde.<sup>9</sup> Deste modo, as preocupações com a propagação da Gripe Espanhola faziam parte das discussões entre religiosos, havendo o desejo de manter as atividades nas igrejas daquele tempo, mesmo durante a pandemia. Contemporaneamente a humanidade enfrenta a pandemia da Covid-19, assunto que será tratado a seguir.

### 1.1 Covid-19: a pandemia dos nossos tempos

A pandemia de Covid-19 é a maior emergência de saúde pública que a comunidade internacional enfrenta em décadas. Além das preocupações quanto à saúde física, implica também no sofrimento psicológico que pode ser sentido pela população geral e pelos profissionais da saúde envolvidos.<sup>10</sup>

Em dezembro de 2019 ocorreu na China o primeiro caso de contaminação humana do novo coronavírus (SARS-CoV-2) responsável pela pandemia de Covid-19. Desde então, a humanidade vem enfrentando uma grave crise sanitária global. O avanço da doença através do globo aconteceu de maneira rápida começando pelos países asiáticos, tais como Tailândia, Japão, Coreia do Sul e Singapura, alastrando para a Europa e demais continentes, o que levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a decretar uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional em 30 de janeiro de 2020 e uma pandemia no dia 11 de março de 2020.<sup>11</sup>

Em território brasileiro, o Ministério da Saúde (MS) agiu imediatamente a partir da detecção dos rumores sobre a disseminação da doença. No dia 22 de janeiro foi acionado o Centro de Operações de Emergência (COE), coordenado pela Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS/MS), para planejamento e organização das atividades e o monitoramento da situação epidemiológica. Vários setores do governo entraram em ação e diversas ações foram implementadas incluindo a elaboração de um plano de contingência. Em 3 de fevereiro de 2020

---

<sup>9</sup> MARY BAKER EDDY LIBRARY. *Como os cientistas cristãos agiram, diante da gripe espanhola de 1918–1919?* 18 mai. 2020. [online]. [n.p.].

<sup>10</sup> CREPALDI, Maria A.; SCHMID, Batriz; NOAL, Débora S.; BOLZE, Simone D.; GABARRA, Leticia M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, p. 1-12. 2020. [online]. p. 3.

<sup>11</sup> AQUINO, Estela M. L.; SILVEIRA, Ismael H.; PESCARINI, Júlia M.; AQUINO, Rosane; SOUZA-FILHO, Jaime A.; ROCHA, Aline S.; FERREIRA, Andrea; VICTOR, Audêncio; TEIXEIRA, Camila; MACHADO, Daiane B.; PAIXÃO, Enny; ALVES, Flávia J. O.; PILECCO, Flávia; MENEZES, Greice; GABRIELLI, Lígia; LEITE, Luciana; ALMEIDA, Maria C. C.; ORTELAN, Naiá; FERNANDES, Qeren H. R. F. F.; ORTIZ, Renzo J. F.; PALMEIRA, Raquel N.; JÚNIOR, Elzo P. P.; ARAGÃO, Érika; SOUZA, Luís E. P. F.; NETTO, Manoel B.; TEIXEIRA, Maria G.; BARRETO, Maurício L.; ICHIHARA, Maria Y.; LIMA, Raiza T. R. S. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 2423-2446, 2020. [online]. p. 2444.

a infecção humana pelo novo coronavírus foi declarada Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN).<sup>12</sup>

A Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, é uma doença respiratória causada pela síndrome respiratória aguda. A maioria dos infectados exibe sintomas leves a moderados, mas aproximadamente 15% evoluem para pneumonia grave e cerca de 5% eventualmente desenvolvem Síndrome do Desconforto Respiratório Agudo (SDRA), choque séptico e ou falência de múltiplos órgãos.<sup>13</sup>

Quanto à sintomatologia, as pessoas infectadas apresentam sintomas respiratórios e gastrointestinais após um período de incubação entre cinco a catorze dias. Os sintomas principais são febre, tosse seca e dispneia (dificuldade para respirar). Algumas pessoas contaminadas também se queixam de mialgia, fadiga, mal-estar e diarreia. Quanto à suscetibilidade de ocorrência da Covid-19, estudos mostraram que homens idosos e imunodeprimidos são os mais vulneráveis. As crianças, por sua vez, são menos vulneráveis à contaminação pelo vírus. No entanto, crianças e jovens, quando infectados, podem permanecer assintomáticas e transmitir o SARSCoV-2 para outras pessoas.<sup>14</sup>

Deve-se ressaltar que no final de 2020 houve uma grande preocupação em nível internacional com o surgimento das variantes do SARSCoV-2: B.1.1.7, inicialmente identificada no Reino Unido; B.1.351, descoberta na África do Sul e a P.1, que no Brasil, surgiu inicialmente no Estado do Amazonas. As três variantes tiveram associação com o aumento na transmissibilidade e piora da situação epidemiológica nos locais em que se expandiram. Ainda não existem estudos que concluam sobre a letalidade dessas variantes, mas notou-se que elas trouxeram maior aumento na proporção de casos de Covid-19 em pessoas mais jovens, inclusive com ocorrência de óbitos.<sup>15</sup>

Para conter o contágio da doença, medidas preventivas foram adotadas, como o *lockdown*, restrição da circulação de pessoas e fechamento de estabelecimentos no período pandêmico. Essas iniciativas se deram pelo agravamento da situação de saúde pública, uma vez

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Wanderson K.; DUARTE, Elisete; FRANÇA, Giovanni V. A.; GARCIA, Leila P. Como o Brasil pode deter a COVID-19. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, p. 1-8, 2020. [online]. p. 2.

<sup>13</sup> XU, Zhe; SHI, Lei; WANG, Yijin; ZHANG, Jiyuan; HUANG, Lei; ZHANG, Chao. Achados patológicos de COVID-19 associados à síndrome do desconforto respiratório agudo. *Revista Lancet Respir. Med.*, [s.l.], v. 8, p. 420-422, 2020. [online]. p. 421.

<sup>14</sup> DO BÚ, Emerson A.; ALEXANDRE, Maria E. S.; BEZERRA, Viviane A. S.; SÁ-SERAFIM, Roseane C. N.; COUTINHO, Maria P. L. Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da Covid-19 por brasileiros. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, p. 1-13, 2020. [online]. p. 2.

<sup>15</sup> FREITAS, André R. R.; BECKDORFF, Otto A.; CAVALCANTI, Luciano P. G.; SIQUEIRA, André M.; CASTRO, Daniel B.; COSTA, Cristiano F.; LEMOS, Daniele R. Q.; BARROS, Eliana N. C. A emergência da nova variante P. 1 do SARS-CoV-2 no Amazonas (Brasil) foi temporalmente associada a uma mudança no perfil da mortalidade devido a COVID-19, segundo sexo e idade. *In: SCIELO PREPRINTS [Site institucional]*. 26 mar. 2021. [online]. [n.p.].

que estas medidas se mostraram mais eficientes para contenção dos casos.<sup>16</sup>

A alta complexidade imposta pelo novo coronavírus fez com que cientistas de todo o mundo intensificassem os estudos a fim de conseguir conhecer mais sobre o vírus, sobre a doença ocasionada por ele, e encontrar caminhos para a tão esperada vacina e tratamento medicamentoso. Como ressalta De Oliveira, “o que mais preocupou a população mundial, além da celeridade de propagação da doença, é que não há nenhum medicamento específico para tratar ou prevenir o novo coronavírus, e que muitas pessoas ao mesmo tempo, podem precisar da ajuda de aparelhos para respirar”<sup>17</sup>. Portanto, a preocupação central na fase mais crítica da pandemia era um colapso no sistema de saúde de modo que a demanda de pacientes fosse superior à oferta de leitos e respiradores indispensáveis para salvar vidas, o que lamentavelmente veio a se concretizar.

Uma polêmica que também causou muitas discussões se refere a alguns medicamentos que foram cogitados para tratamento da Covid-19, mesmo quando a OMS orientou que em nenhuma parte do mundo deveriam usar remédios não testados para tratar pessoas infectadas. Embora o alerta da OMS não tenha sido direcionado a um país específico, a solicitação foi feita, após manifestações de alguns líderes mundiais sobre a utilização da hidroxicloroquina, para o tratamento de doentes graves, o que não tem comprovação científica.<sup>18</sup>

Num pronunciamento em cadeia nacional o Presidente Jair Bolsonaro afirmou que a doença será quando muito, uma gripezinha, que pouco afetará a população brasileira, capaz de, segundo ele, espontaneamente produzir resistência ao Coronavírus. Introduz no discurso presidencial a notícia de que se está buscando a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento da Covid-19. Confrontado com os primeiros sinais da pandemia, sua primeira e, por muito tempo, única resposta tinha sido promover o uso em massa desse medicamento antimalárico, ordenando sua fabricação em instalações militares.<sup>19</sup> Tal fato vai contra os achados científicos, que não comprovaram eficácia nem segurança do uso da cloroquina no tratamento da doença, e muito mais que uma gripe, essa doença tem potencial de óbito muito considerável. Como explicam Menezes, Sanches e Chequer:

A literatura científica é escassa e divergente quanto à efetividade dos medicamentos cloroquina e hidroxicloroquina no tratamento da afecção Covid-19. É necessário a

<sup>16</sup> MELO, Bernardo D.; PEREIRA, Daphine R.; SERPELONI, Fernanda; KABAD, Juliana F.; KADRI, Michele; SOUZA, Michele S.; RABELO, Ionara V. M. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: recomendações aos psicólogos para o atendimento online. Rio de Janeiro: Fiocruz/Cepedes. [online]. p. 2.

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Anselmo G.; SILVEIRA, Dâmaris. Tratamento do Covid-19 com medicamentos experimentais em testes clínicos: desafios e perspectivas. *Revista Infarma*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 3-5, 2020. [online]. p. 3.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, 2020, p. 4.

<sup>19</sup> ALMEIDA-FILHO, Naomar. Pandemia de COVID-19 no Brasil: equívocos estratégicos induzidos por retórica negacionista. In: COLEÇÃO COVID-19 [Site institucional]. [s.d.]. [online]. p. 217.

realização de ensaios clínicos pragmáticos, envolvendo um número maior de pacientes, para que seja possível analisar a efetividade no combate ao Coronavírus, bem como a segurança do uso desses fármacos.<sup>20</sup>

Sem um medicamento seguro e comprovado para o tratamento da doença, o caminho trilhado pelos cientistas foi conseguir criar uma vacina eficiente para iniciar um processo de imunização em escala mundial e manter a ampla divulgação da necessidade de distanciamento social.

A comunidade científica mundial não mediu esforços para dar respostas ao mundo quanto a um tratamento eficaz para conter o número de mortes por Covid-19. A previsão de que as vacinas estariam disponíveis, de forma emergencial, tornou-se uma realidade no início de 2021, e foi o programa de desenvolvimento de vacinas mais rápido já visto na história.<sup>21</sup> Como frisa Guimarães:

Uma boa vacina deverá fornecer uma memória imunológica longa, se possível deve proteger ao longo de toda uma vida. Se não, por uma ou mais décadas de vida. Ela não deve apresentar manifestações de *enhancement*, o que significa provocar (ou agravar) a doença que deveria impedir ou atenuar certos subconjuntos de vacinados.<sup>22</sup>

A vacinação no Brasil teve início em 18 de janeiro de 2021 e foram disponibilizados neste período duas vacinas, ambas com necessidade de aplicação de duas doses para eficácia: Oxford/AstraZeneca e CoronaVac/Sinovac. Posteriormente outra vacina foi também disponibilizada para a população; a Janssen, da Johnson & Johnson, de dose única.<sup>23</sup>

O Sistema Único de Saúde (SUS) tem executado a Campanha de Vacinação que está sendo realizada por etapas, tendo iniciado com os idosos acima dos 80 anos e decrescido a faixa etária para alcançar também as demais faixas etárias. Para Carla Domingues:

A definição e priorização dos grupos a serem vacinados, elencados com base no risco de adoecer, ter complicações e óbito, portadores de doenças crônicas, como câncer, diabetes, doenças cardiovasculares, doença renal, doença respiratória, enfermidades hematológicas, obesidade e pessoas acima dos 60 anos. Os profissionais de saúde, por estarem na linha de frente dos cuidados dos pacientes com Covid-19, foram os primeiros a serem vacinados. Outros grupos deverão ser incluídos na estratégia de vacinação na medida em que houver disponibilidade de vacinas como os indígenas, quilombolas, população ribeirinha e privada de liberdade, professores entre outros

<sup>20</sup> MENEZES, Carolline R.; SANCHES, Cristina; CHEQUER, Farah M. D. Efetividade e toxicidade da cloroquina e da hidroxicloroquina associada (ou não) à azitromicina para tratamento da COVID-19: o que sabemos até o momento? *Journal of Health & Biological Sciences*, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 1-9, 2020. [online]. p. 7.

<sup>21</sup> LIMA, Eduardo J. F.; ALMEIDA, Amalia M.; KFOURI, Renato Á. Vacinas para Covid-19-o estado da arte. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, Recife, v. 21, p. 21-27, 2021. [online]. p. 22.

<sup>22</sup> GUIMARÃES, Reinaldo. Vacinas anticovid: um olhar da saúde coletiva. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 3579-3585, 2020. [online]. p. 3580.

<sup>23</sup> ESPINDOLA, Rebeca R. P. S.; LOPES, Camila P. Breve Análise das Operações de Logística Integrada da Vacina para Covid-19 no Brasil. *Revista FSA*, São Paulo, v. 18, n. 7, p. 1-12, 2021. [online]. p. 3.

trabalhadores considerados como essenciais.<sup>24</sup>

A cada milhão de habitantes no Brasil 2.707 morrem por Covid-19 no Brasil. O país está no 7º lugar no mundo com mais mortes proporcionais em relação à população conforme dados de 26 de agosto de 2021. A vacinação segue dentro das prescrições de prioridade, porém, o número de mortos por Covid-19 no Brasil, lamentavelmente chegou a 594.443 mil pessoas, conforme dados oficiais do dia 26 de setembro de 2021.<sup>25</sup>

Apesar desta triste realidade os resultados da vacinação em massa já começam a conter o número de óbitos entre os idosos. O fator responsável pela redução no percentual de óbitos deste grupo, sem dúvida, se deu graças à vacinação. No mês de fevereiro, 26,8% das mortes pela doença foram registrados no DF, em pacientes acima dos 80 anos de idade. Em 24 de março de 2021 esse percentual caiu para 16,6%, o que tem grande representatividade já que, o percentual de pacientes infectados nesta faixa etária se manteve o mesmo desde janeiro, totalizando 2% dos casos registrados por mês.<sup>26</sup>

Ressalta-se ainda que de acordo com dados do OMS, a média móvel de casos de mortes por Covid-19, de uma maneira geral, em diferentes faixas etárias no Brasil, chegou ao número mais baixo desde janeiro deste ano. Essa diminuição de casos e óbitos é a resposta das muitas ações da OMS no combate à pandemia, principalmente da campanha de vacinação, que segue buscando vacinar a maior parte da população. Os números de novos casos também estão diminuindo; a média móvel está em 40,12 mil. É o menor número registrado desde 8 de janeiro deste ano.<sup>27</sup> Contudo, em meio aos esforços da OMS e do SUS surgiram e surgem diariamente contornos antagônicos de posicionamento com relação tanto ao tratamento quanto à vacina propriamente dita. Essa situação é descrita como uma atitude negacionista e será tratada a seguir com uma categoria teórica como base para a discussão da proposta geral do artigo.

## 2 O NEGACIONISMO COMO CATEGORIA TEÓRICA

O termo negacionismo define um campo político-intelectual internacionalmente articulado, ao mesmo tempo que uma prática. De certa maneira ele descreve uma variação propriamente intelectual de movimentos de extrema-direita do pós-Segunda Guerra Mundial

<sup>24</sup> DOMINGUES, Carla M. A. S. Desafios para a realização da campanha de vacinação contra a Covid-19 no Brasil. *Revista Caderno de Saúde Pública*, Brasília, v. 37, p. 1-5, 2021. [online]. p. 3.

<sup>25</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Covid-19 no Brasil*. [s.d.]. [online]. [n.p.].

<sup>26</sup> BOTELHO, Flávio. Vacinação já reduziu os casos graves de Covid entre idosos. In: AGÊNCIA BRASÍLIA [Site institucional]. 25 mar. 2021. [online]. [n.p.].

<sup>27</sup> MINISTÉRIO DA SAÚDE, [s.d.], [n.p.].

que através de textos historiográficos nega o extermínio planejado e executado durante o Terceiro Reich. De outro modo, o termo se refere à própria prática de negação deste extermínio no holocausto. O fenômeno do negacionismo tem seus primeiros porta-vozes nos EUA e na França ainda da década de 1940, encontrando progressivamente adeptos em outros lugares do mundo. Moraes ressalta que:

O negacionismo se autodenomina revisionismo, referindo-se isto a sua forma de apresentação pública: tentativas de “correção” e de denúncia da pretensa falsidade da historiografia e de outras narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial e o Terceiro Reich escritas desde 1945. O sentido político deste projeto é claro: o peso social e político altamente negativo dos crimes nazistas, estabelece barreiras sociais à expansão organizativa do neo-nazismo no mundo contemporâneo. Sendo assim, negar a existência destes crimes ocupa um lugar de importância capital no processo de legitimação social da extrema direita em geral e do neonazismo em particular.<sup>28</sup>

Pode-se afirmar que os negacionismos estruturaram-se, sobretudo, após a Guerra Fria e se consolidaram no século XXI, sem dúvida, potencializados pelo avanço das novas tecnologias. E é importante ressaltar de que maneira as narrativas negacionistas no mundo atual se manifestam através das novas formas de circulação da informação passaram a influenciar a formação de crenças das pessoas. Neste sentido há uma ambiguidade já que, por um lado, há uma parcial democratização do acesso à informação, mas por outro lado, há uma desregulação que faz com que uma pessoa possa defender qualquer ideia estapafúrdia e disseminar *fake news*, ganhando considerável repercussão.<sup>29</sup>

Portanto, o negacionismo refere-se ao ato de negação de acontecimentos verídicos, comprovados e registrados, como no caso do holocausto, que mesmo diante das evidências e provas, existem grupos de pessoas afirmando o contrário, e pior, com o avanço tecnológico e a rápida propagação de informação dos nossos tempos, muitas notícias inverídicas, e pensamentos negacionistas no contexto da pandemia, em que subestima-se a ciência, podem ganhar mais força e influenciar negativamente as pessoas. Na seção seguinte será a apresentada a situação negacionista advinda do governo brasileiro.

## 2.1 O negacionismo no contexto da pandemia: o caso do governo brasileiro

Antes de adentrarmos na questão do negacionismo frente à pandemia de algumas

<sup>28</sup> MORAES, Luís E. S. O negacionismo e as disputas de memória: reflexões sobre intelectuais de extrema-direita e a negação do holocausto. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), XIII, 2008, Seropédica. *Anais...* Seropédica: ANPUH, 2008. [online]. p. 1-2.

<sup>29</sup> PERINI, Ernesto. O que move as *fake news* e o negacionismo científico. [Entrevista concedida a] Marco Weissheimer. SUL21, Porto Alegre, [n.p.], 27 nov. 2019. [online]. [n.p.].

lideranças cristãs fundamentalistas brasileiras é muito importante ressaltar que o atual governo que tem como presidente o senhor Jair Bolsonaro, também negacionista, vem sendo duramente criticado por manter uma postura completamente equivocada diante da gravidade da pandemia, não levando em consideração o que a ciência apresenta. Deste modo, o enfrentamento da crise sanitária do Novo Coronavírus no Brasil vem sendo articulado pelo governo de maneira muito criticada devido ao negacionismo da gravidade do problema. Caponi relata que:

Mesmo que governadores de diferentes estados de Brasil tenham tentado adotar medidas de isolamento, a falta de coordenação do governo federal, a falta de diretrizes comuns, o jogo de informações cruzadas e contraditórias serviram de estímulo para desistir do isolamento e restringiram as possibilidades de controle. Existem imensas dificuldades que devemos enfrentar hoje, particularmente no Brasil, para construir uma política de gestão da pandemia que respeite os direitos humanos aceitando as necessárias restrições impostas pelo distanciamento.<sup>30</sup>

Ocorre que uma situação inesperada como essa impõe aos governantes inúmeras dificuldades ao lidar com algo dessa magnitude, no entanto, o caso brasileiro chama atenção pela maneira como a crise vem sendo conduzida, mesmo com o exacerbado número de mortos. Giovanella, Franco e Almeida asseveram que: “o governo nacional, com total insensibilidade e falta de compaixão pelo sofrimento e pela dor humana, estrelou cenas e decisões lamentáveis”<sup>31</sup>.

A Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) emitiu comunicado enfatizando que a forma como o governo federal do Brasil tem enfrentado a pandemia até o momento tem-se revelado incompetente e, sob muitos aspectos, irresponsável. Autoridades políticas e sanitárias incorreram em sérios equívocos e omissões, uma sucessão de erros, atos trágicos que resultaram em sofrimento e mortes evitáveis. O executivo federal não apresentou qualquer plano nacional de enfrentamento da pandemia ou equivalente.<sup>32</sup>

Até mesmo no atual período de vacinação o governo brasileiro mantém um discurso de negação sobre a qualidade e eficácia das vacinas testadas e aprovadas para utilização em grande escala em humanos, como meio de amenizar o caos que se instaurou com a pandemia. No discurso negacionista em torno da pandemia da Covid-19 o presidente da república insinuou que a vacina - particularmente a Coronavac, de origem chinesa - pode não ser segura e supôs que a mesma alterará o DNA dos indivíduos que a recebam. No entanto, como alerta Lopes:

<sup>30</sup> CAPONI, Sandra. COVID-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 209-224, 2020. [online]. p. 210.

<sup>31</sup> GIOVANELLA, Lígia; FRANCO, Cassiano M.; ALMEIDA, Patty F. Política nacional de atenção básica: para onde vamos? *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 1475-1481, 2020. [online]. p. 1479.

<sup>32</sup> ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). *Plano Nacional de Enfrentamento da Pandemia de COVID-19*. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2020. [online]. [n.p.].

Negar-se a ser vacinado pode ser visto como uma resistência o que se entende como uma “violação” do Estado à inalienável liberdade individual. Mas assim sendo, como conceber o negacionismo envolvendo a vacinação contra a Covid-19. Os discursos que no governo Bolsonaro vêm se articulando de forma dispersa, mas suficientemente sistemática, desde pelo menos o primeiro registro de morte por Covid-19 em território brasileiro, em fevereiro de 2020. Nega-se, em última instância, qualquer voz, vinda da ciência e veiculada pelas diversas mídias, que contrarie a ideologia propulsora do negacionismo, ainda que não se tenha podido prescindir da ciência em nenhuma etapa do longo processo de pesquisa, desenvolvimento e teste das vacinas com que hoje finalmente podemos contar.<sup>33</sup>

Enfim, devemos observar o que está acontecendo no mundo globalizado e aprender com a experiência dos países que já sofreram a pandemia. Vemos que os países que de maneira mais eficaz controlaram parcialmente a pandemia foram aqueles que agiram prontamente para impedir e evitar as aglomerações de qualquer tipo, particularmente as reuniões em espaços de sociabilidade como festas, igrejas, restaurantes e shoppings. O posicionamento do governo brasileiro desde o início da pandemia leva-nos a deduzir que há um atentado contra a vida da população, quando se estimula a participação de fiéis nas igrejas, quando se desiste de controlar os transatlânticos com turistas, quando se nega a impor a quarentena a pessoas que chegam aos aeroportos de países afetados pela pandemia, quando desrespeita os prefeitos e governadores que estão fazendo todos os esforços para manter a população em seus domicílios, quando insiste em que o Brasil não pode parar.<sup>34</sup>

Outro ponto importante é que na pandemia o discurso da extrema direita é de que as pessoas devem ignorar os riscos sanitários de romper com o isolamento social para garantir a sua sobrevivência e, com isso, manter a atividade econômica. Tal atitude revela que a fonte de valor está no trabalho humano, ou seja, sem pessoas trabalhando, não há riqueza e, portanto, não há lucro. Por outro lado, este discurso ganha força ao possuir representação no governo federal e em governos estaduais e municipais e conquistar o apoio popular.<sup>35</sup>

Com a irresponsabilidade do atual governo diante da gravíssima situação da pandemia notou-se que o negacionismo criou raízes também em algumas denominações cristãs, sobretudo, em ambientes fundamentalistas, que ao contrário do que se espera de uma instituição cristã, também se posicionou de forma completamente alienada quanto a manutenção de cultos religiosos em períodos críticos em que a Covid-19 matava milhares de pessoas diariamente e os serviços de saúde estavam sobrecarregados. Esse assunto será tratado na seção seguinte.

<sup>33</sup> LOPES, Carlos R. A biopolítica do risco e o discurso negacionista sobre vacinação contra Covid-19. *Revista Porto das Letras*, Palmas, v. 7, n. 2, p. 103-117, 2021. [online]. p. 107.

<sup>34</sup> CAPONI 2020, p. 219.

<sup>35</sup> MOREIRA, Elaine; GOUVEIA, Rachel; GARCIA, Joana; ACOSTA, Luís; BOTELHO, Marcos; RODRIGUES, Mavi; KRENZINGER, Miriam; BRETTAS, Tatiana. Em tempos de pandemia: propostas para a defesa da vida e de direitos sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. p. 12.

## 2.2 O negacionismo no contexto da pandemia: o caso de igrejas cristãs fundamentalistas

As expressões do negacionismo da pandemia da Covid-19 recorrentes no Brasil, de acordo com Morel, “estão relacionadas ao crescimento da extrema-direita e produzem o aumento da necropolítica. Percebemos uma ‘crise de interpretação’ que aponta a ‘ignorância’ como causa única da popularização do negacionismo”<sup>36</sup>. Como se não bastasse o presidente negacionista, até mesmo quando se refere a ditadura militar, dizendo que a mesma não aconteceu, existe uma aliança firmada entre as lideranças cristãs fundamentalistas com o presidente, o que desencadeia lamentavelmente a perpetuação da ignorância e falta de bom senso diante da crise sanitária.

Jair Bolsonaro possui o apoio de grandes lideranças evangélicas a seu favor, sobretudo dos ambientes cristãos fundamentalistas. A relação do presidente com os evangélicos é descrita por Oro e Alves como segue:

O primeiro gesto importante de aproximação de Bolsonaro com os evangélicos ocorreu em 12/5/2016, com o seu batismo no rio Jordão, em Israel, realizado pelo pastor da Assembleia de Deus Everaldo Dias Pereira, candidato a presidente do Brasil nas eleições de 2014 e presidente do Partido Social Cristão (PSC). Mas, foi durante a campanha eleitoral de 2018 que Bolsonaro estreitou relações com parcela do segmento evangélico. Naquele período, o então candidato conseguiu a façanha de obter o apoio explícito dos líderes das maiores igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras, a saber: Edir Macedo, fundador e líder da Igreja Universal do Reino de Deus; Silas Malafaia, fundador da Assembleia de Deus Vitória em Cristo; Robson Rodovalho, fundador da igreja Sara Nossa Terra; José Wellington Costa Júnior, presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB); Samuel Câmara, presidente da Convenção da Assembleia de Deus no Brasil; Estevam e Sonia Hernandez, fundadores e líderes da Igreja Renascer em Cristo; Romildo Soares, fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus; Waldemiro Santiago, fundador e líder da Igreja Mundial do Poder de Deus; além do Conselho Interdenominacional de Ministros Evangélicos do Brasil – organização que agrega aproximadamente 8 mil pastores de denominações evangélicas variadas – e da Confederação do Conselho de Pastores do Brasil.<sup>37</sup>

Os mesmos autores afirmam que líderes evangélicos também negacionistas e midiáticos como Edir Macedo e Silas Malafaia, além de congressistas da Frente Parlamentar Evangélica, no período inicial da pandemia subestimaram e desqualificaram a mesma, usando argumentos desconexos da realidade, mas conexos com crenças religiosas do povo. Deste modo, a Frente Parlamentar Evangélica, em nota de 18/3/2020, se referiu a Covid-19 como pandemia

<sup>36</sup> MOREL, Ana Paula M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1-14, 2021. [online]. p. 2.

<sup>37</sup> ORO, Ari P.; ALVES, Daniel. Jair Bolsonaro, líderes evangélicos negacionistas e a politização da pandemia do novo coronavírus no Brasil. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 54, p. 121-147, 2020. [online]. p. 124.

maligna.<sup>38</sup>

O bispo Edir Macedo afirmou em uma rede social para seus seguidores que não deveriam se preocupar com o coronavírus, porque o mesmo era apenas mais uma tática de Satanás. Já Silas Malafaia no evento por ele promovido no Palácio do Planalto em 5/6/2020, que contou com a presença do presidente da república, chamou o coronavírus de espírito de morte.<sup>39</sup>

Não bastasse isso, em uma postagem no Twitter em 2/4/2020 que foi deletada posteriormente, Malafaia subestimou a pandemia, desprezando qualquer conhecimento científico afirmando que “Não vai ter catástrofe no Brasil, o próprio DNA do brasileiro protege a população contra o coronavírus”<sup>40</sup>. Esse apoio por parte de importantes lideranças evangélicas no Brasil fortalece a imagem do presidente junto à boa parte dos fiéis destas denominações cristãs evangélicas. Dos Santos assevera:

Os partidos políticos que sustentam o governo Bolsonaro, os seus aliados e apoiadores foram cúmplices de um negacionismo à ciência, e difusores de *fake news* em torno aos discursos científicos. Resultam coerente e ao mesmo tempo impactante que diante de mortes, luto e tristeza, que um governo que se diz “cristão” não tenha optado por outro caminho nessa luta que se estava armando a nível mundial, e que tinha como objetivo básico “salvar vidas”. O Brasil desde seu governo, representado na figura de Jair Bolsonaro segue o caminho “oposto” a todas as expectativas mundiais.<sup>41</sup>

O desejo de manter as igrejas funcionando, mesmo nos momentos mais críticos da infecção pelo novo coronavírus, foi reafirmado junto ao poder judiciário brasileiro através do Projeto de Lei 1995/20 que determina que, igrejas, templos de qualquer culto, comunidades missionárias sejam reconhecidas como atividades essenciais, em especial em período de calamidade pública, sendo proibido seu fechamento total. A proposta aguarda o parecer do relator na Comissão de Seguridade Social e Família (CSSF).

O objetivo dessa proposta de lei propõe que as igrejas e templos possuem papel fundamental na propagação de informações verdadeiras e podem contribuir com o poder público na organização social nos momentos de crise. Tal argumento impacta, haja vista que, o estado de calamidade pública já estava instaurado, e as medidas de segurança comprovadamente provaram ser a única maneira de redução de óbitos por Covid-19.

É nessa perspectiva que a discussão sobre ética cristã emerge como uma necessidade urgentíssima, haja vista, que em nome de Deus, sugere-se o descumprimento das regras de

<sup>38</sup> ORO; ALVES, 2020, p. 134.

<sup>39</sup> ORO; ALVES, 2020, p. 135.

<sup>40</sup> ORO; ALVES, 2020, p. 136.

<sup>41</sup> SANTOS, Francisca E. Brasil: divisão, ideológica, intolerância religiosa e degradação ambiental em tempos de pandemia. *Revista Diálogos e Perspectivas Interventivas*, Serrinha, v.1, p. 1-24, 2020. [online]. p. 3.

segurança a favor da vida, diante de uma das maiores crises sanitárias da história da humanidade, com argumentos completamente infundados e carregados de um cristianismo inventado. Na próxima seção, o artigo vai analisar a ética cristã como ponto de partida para responder diante de um dilema ético, neste caso, que caminhos deveriam ser tomados diante da pandemia da Covid-19.

### 3 A ÉTICA DA RESPONSABILIDADE DIANTE DA PANDEMIA DE COVID-19: O DEVER DO CRISTÃO

O que é ética? É respondendo inicialmente a essa pergunta que encontraremos nas narrativas até aqui sustentadas, sobre o impactante negacionismo da real gravidade da Covid-19, por parte do próprio líder da nação que se diz cristão, tal como seus apoiadores líderes de ministérios devidamente estabelecidos, que encontraremos a ausência desta, nos desdobramentos da crise sanitária em nosso país. Farias ressalta que:

A Ética é um ramo da filosofia que lida com o que é moralmente bom ou mau, certo ou errado. As palavras ética e moral têm a mesma base etimológica: a palavra grega *ethos* e a palavra latina *moral*, ambas significam hábitos e costumes. A ética, como expressão única do pensamento correto conduz à ideia da universalidade moral, ou ainda, à forma ideal universal do comportamento humano, expressa em princípios válidos para todo pensamento normal e sadio. O termo ética assume diferentes significados, conforme o contexto em que os agentes estão os agentes envolvidos.<sup>42</sup>

No contexto aqui proposto será apresentada a ética na perspectiva cristã do teólogo Roy May, que propõe que o discernimento moral e a ética cristã não são estabelecidos de maneira diferente. Para o teólogo, a ética visa garantir uma convivência comunitária com base em princípios sólidos, capazes de promover uma vida conjunta benevolente e integral. Deste modo, a ética cristã fundamenta-se na ideia de uma convivência comunitária e solidária. O discernimento moral é o primeiro passo para o entendimento sobre temas centrais na vida das pessoas e da comunidade cristã, levando em consideração os sujeitos enquanto seres sociais.<sup>43</sup>

May propõe importantes considerações sobre ética e comunidade ressaltando que a ética se preocupa com a comunidade, com a melhor conduta que contribua para a construção responsável da convivência humana. No fundo, a dimensão comunitária é a preocupação central da ética cristã, e a questão mais urgente dos nossos tempos que é como viver bem juntos. Neste sentido, May ressalta que o Novo Testamento aponta para essa preocupação através do termo

<sup>42</sup> FARIAS, Adriana. Legislação e ética profissional. In: CRC CEARÁ [Site institucional]. [s.d.]. [online]. [n.p.].

<sup>43</sup> MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 22.

*Koinonia*, presente em Atos (At 2,42), nas epístolas do apóstolo Paulo, (Rm 12,13; 15,27; 1 C1 10,16-17; Fm15-17) e na primeira carta de João (1 Jo 3,24; 4,11-13). Tal conceito significa colaboração, comunhão, comunidade, compartilhamento dos princípios de Cristo ao mundo.<sup>44</sup>

Vale ressaltar que a ética sempre é, ao mesmo tempo, individual e social. Por essa razão, ela tem a ver com o discernimento entre bem e o mal, daquilo que é apropriado para o relacionamento humano em suas relações pessoais e sociais. Ao que concerne à ética no contexto cristão é importante dizer que todo sistema religioso tem uma ética que se adequa à sua religião. Neste sentido, seu fundamento está arraigado nas experiências, ensinamentos, teologias e tradições.<sup>45</sup>

May destaca ainda algumas pressuposições ou estilos de raciocínio moral dentro do contexto da ética da responsabilidade, definidas como consequencialista, não-consequencialista e contextualista. O raciocínio moral consequencialista se preocupa pela consequência final de uma decisão e não com o meio do processo, mas com os resultados. O valor moral não será medido pelo desenvolvimento, mas pelo resultado que se deseja alcançar.<sup>46</sup> O não-consequencialista não se preocupa com o fim do processo, com o resultado da decisão, mas com o desenvolvimento de todo processo. Está focado pelos cumprimentos das obrigações ou deveres. Portanto, o importante não é ganhar ou perder, mas de como as regras foram estabelecidas.<sup>47</sup>

Outro tipo também destacado por Roy May é o contextualista. Trata-se de um raciocínio moral que busca refletir sobre a dinâmica da vida e leva em conta a mudança da história, as diferenças entre as pessoas. Neste sentido a referência básica para análise do dilema ético deve ser o contexto da questão ética.<sup>48</sup> É um raciocínio moral que possibilita uma multiplicidade de opções, que não se preocupa com a dureza das regras e muito menos com o valor moral já determinado no final do processo, isto é, o problema nem sempre é tão evidente como se imagina.<sup>49</sup>

Dentro dessa análise, a proposta de ética de responsabilidade de May parte do princípio de que nenhum discernimento moral deveria ser assumido pela igreja, antes de uma profunda reflexão sobre a importância da responsabilidade para a ética cristã. Para o teólogo, a raiz da ideia da responsabilidade está na capacitação humana de escutar e só depois responder. A ética

---

<sup>44</sup> MAY, 2008, p. 28.

<sup>45</sup> MAY, 2008, p. 28.

<sup>46</sup> MAY, 2008, p. 56.

<sup>47</sup> MAY, 2008, p. 58-59.

<sup>48</sup> MAY, 2008, p. 64.

<sup>49</sup> MAY, 2008, p. 65.

de responsabilidade estaria então dividida em três momentos: perante, de e por. Para a ética cristã, o “perante” aponta para Deus, a realidade última, que possibilita a vida em comunidade, o circuito natural de toda vida. Então o “de” indica os comportamentos ou ações que positivamente constroem a convivência humana. O “por” se refere às consequências ou efeitos, quer sejam eles positivos ou negativos, dos comportamentos para convivência. A responsabilidade, nesse sentido, representa responder diante de Deus e da comunidade com decisões e ações.<sup>50</sup>

Outros pontos que também são salientados por May dizem respeito a três grandes mudanças realizáveis através da noção de responsabilidade. A primeira delas se refere a natureza e extensão das nossas responsabilidades; a segunda ao caráter coletivo das nossas ações; e a terceira à distinção entre o dever e o dever-ser - em outras palavras, a necessidade de reconhecer a condição humana tal como ela é.<sup>51</sup>

Ainda na perspectiva de discernimento moral e ética cristã, uma importante reflexão é abordada pelo autor que se refere ao pecado social. May conceitua o pecado social ou estrutural como um mal em sentido subjetivo. Quando aderimos a sua prática acabamos fazendo com que se pareça algo natural, influenciando nossas ações e se refletindo nas vivências sociais, nos afastando por sua vez, da ética de responsabilidade. Este tipo de pecado revela estruturas injustas e opressoras.<sup>52</sup> Essa análise do teólogo amplia a visão sobre o contexto pandêmico e dos discursos irresponsáveis das lideranças evangélicas citadas no artigo e na grande mídia brasileira, que através de seu negacionismo compartilharam com a comunidade cristã informações oriundas de suas próprias percepções sobre uma doença recém-surgida, objeto de estudo da ciência, com contágio rápido e mortalidade global. Tais ações estão respectivamente atreladas ao pecado social ou estrutural a que se refere May. May ainda completa:

Assim sendo, o pecado como um tipo de mal pelo qual somos, sim, responsáveis apoia-se na deformação das relações, na absolutização do direito à vida e ao poder em um lado da relação, em prejuízo das outras partes, das quais de fato, depende. Além disso, está enraizado na insistente perseverança do ciclo da violência, que daí resulta na rejeição de um entendimento com as vítimas do mencionado poder, e na implementação de sistemas de controle e de uma cultura do engano para manter e justificar um poder injusto.<sup>53</sup>

Ocorre que a igreja cristã está na centralidade do processo de construção de valores éticos e sua razão deve contemplar os valores de sua proposta. A igreja cristã constrói valores

---

<sup>50</sup> MAY, 2008, p. 11.

<sup>51</sup> MAY, 2008, p. 23.

<sup>52</sup> MAY, 2008, p. 36.

<sup>53</sup> MAY, 2008, p. 18.

mediante a sua própria vivência interior, que se converte então, em uma prática social, que vai além da própria instituição em si, à comunidade que é o corpo de Cristo, e a Koinonia ou comunhão refere-se à presença de Cristo na humanidade.<sup>54</sup> Diante do exposto, o que os líderes negacionistas no contexto da Covid-19 demonstraram, trouxe à luz da sociedade uma conduta completamente antiética, bem distante dos valores que a igreja de Cristo deve ter.

A discussão proposta por May se estende ao campo da ética teológica. Suas reflexões dão conta de que a ética cristã deve unir a ética com a teologia, e isso representa uma dimensão religiosa e ética vinculada à realidade do cristão em seu tempo. O autor explica que a estrutura da ética teológica parte do princípio da atividade de Deus e do tipo de atividade humana oriunda a partir da atividade de Deus. Em outras palavras, se a ação humana corresponde à vontade de Deus, a ação humana pensa a criação a partir do próprio pensamento do criador. Para a ética cristã, a teologia e a ética devem caminhar unidas, pois encontram seus fundamentos em Deus. E o encontro da ética com a teologia possibilita um olhar sobre o comportamento humano frente a problemas específicos.<sup>55</sup> Essas análises do autor endossam importantíssimas reflexões sobre as condutas e responsabilidades da igreja cristã e sua liderança no período de pandemia.

A conduta do cristão mediante uma tomada de decisão ética é apontada por May como tendo seu início no processo do raciocínio moral. Segundo ele, para se tomar uma decisão diante de um dilema ético é necessário fazer algumas perguntas prévias: Qual é o resultado ou meta a ser alcançada? Qual é a obrigação ou dever a ser cumprido? Que indicação o contexto ou a situação nos dá para se poder assumir uma postura ética?<sup>56</sup> A igreja cristã, e/ou a sociedade, naturalmente vão construir suas decisões éticas embasadas em um destes raciocínios. Provavelmente, quase sempre as utilizações do resultado destes raciocínios são inconscientes.

Por fim, May ressalta que levantar a voz em nome dos grupos mais vulneráveis da sociedade é um ato que envolve riscos, por que representa questionar a ordem social. Já argumentar sem conhecer a profundidade dos problemas, das realidades enfrentadas é um ato profundo de insensibilidade e irresponsabilidade social. Por isso a ética da responsabilidade é sempre relacional, pois a conduta de um que afeta os outros, e na perspectiva da pandemia, a conduta de líderes religiosos, tem forte relevância para aqueles que são pastoreados por eles, logo, a responsabilidade e a ética emergem como fator inegociável, por que a ação de um sujeito pode desencadear efeitos para um número maior de pessoas.

---

<sup>54</sup> MAY, 2008, p. 84.

<sup>55</sup> MAY, 2008, p. 90.

<sup>56</sup> MAY, 2008, p. 55.

Analisando os tipos de raciocínio apresentados pelo teólogo considera-se que o contextualista é o mais adequado a ser utilizado pela igreja de nossos tempos levando em consideração as dinâmicas vivenciadas pela comunidade cristã no século XXI. O contexto vivenciado na pandemia necessitava desse olhar criterioso, humano, ético, com discernimento moral frente a uma situação de risco de saúde pública, em detrimento de pensamentos próprios e defesa da permanência dos cultos sem qualquer responsabilidade sobre o resultado da aglomeração. Assim, a postura observada por lideranças cristãs fundamentalistas apoiando o negacionismo de Bolsonaro representa uma falta completa dos atributos de ética cristã e de responsabilidade, sobretudo distante do amor ao próximo, um dos principais mandamentos das sagradas escrituras.

## CONCLUSÃO

Grandes epidemias e pandemias já assolaram a humanidade em diferentes períodos históricos deixando registros impactantes de sua letalidade e impondo desafios à ciência. A Covid-19, a pandemia do século XXI, não é diferente, mesmo diante da grande evolução científica e tecnológica da sociedade atual, muitos são os desdobramentos causados por ela, nos diferentes cenários sociais. A gravidade da doença, o percurso épico em busca de conhecimento científico hábil para elaboração de uma vacina eficiente, de tratamento medicamentoso, o medo do colapso no sistema de saúde, o número de óbitos, o luto sem a possibilidade da despedida, todas essas circunstâncias são um marco deste século.

Espera-se que num momento de tamanha insegurança, que a comunidade cristã possa contribuir positivamente, de maneira ética com a situação, orientando as pessoas sobre as medidas de segurança indispensáveis para a prevenção da doença, em defesa da vida. Porém, lamentavelmente uma parte de nossos irmãos em Cristo, pregou um negacionismo exacerbado durante todo o período pandêmico, mesmo nos dias mais cruéis em que os sepulcros estavam cheios.

Neste sentido, a atitude negacionista dos líderes fundamentalistas, traz tamanha perplexidade sob o ponto de vista da ética da responsabilidade defendida por May, em que a igreja diante de tamanha calamidade, deveria atuar de maneira contextualista, levando em consideração especialmente a realidade contemporânea, os desafios iminentes da Covid-19, a fragilidade das pessoas de classe econômica mais vulnerável, no intuito de que teologia e ética caminhassem juntas no desafio do distanciamento social, da espera pela chegada da vacinação,

que atualmente já começa a mostrar os efeitos benéficos com considerável redução no número de óbitos.

Não bastassem as mortes, o medo e o impacto na economia, num país já com grandes diferenças socioeconômicas, ainda tivemos e temos que lidar com discursos completamente irresponsáveis, fortalecidos por lideranças evangélicas pentecostais e neopentecostais de extrema direita, prestando um desserviço à comunidade em geral, e influenciando a comunidade cristã de maneira a subestimar sua capacidade de análise sobre a realidade vivida, manobrando a massa, distorcendo o Cristianismo, sem ética cristã, sem ética de responsabilidade, completamente distantes dos princípios de Cristo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA-FILHO, Naomar. Pandemia de COVID-19 no Brasil: equívocos estratégicos induzidos por retórica negacionista. *In: COLEÇÃO COVID-19 [Site institucional].* [s.d.]. Disponível em: [https://www.cnte.org.br/images/stories/2021/2021\\_02\\_16\\_almeida\\_filho\\_pandemia\\_conass\\_opas.pdf](https://www.cnte.org.br/images/stories/2021/2021_02_16_almeida_filho_pandemia_conass_opas.pdf). Acesso em: 18 set. 2021.

AQUINO, Estela M. L.; SILVEIRA, Ismael H.; PESCARINI, Júlia M.; AQUINO, Rosane; SOUZA-FILHO, Jaime A.; ROCHA, Aline S.; FERREIRA, Andrea; VICTOR, Audêncio; TEIXEIRA, Camila; MACHADO, Daiane B.; PAIXÃO, Enny; ALVES, Flávia J. O.; PILECCO, Flávia; MENEZES, Greice; GABRIELLI, Lígia; LEITE, Luciana; ALMEIDA, Maria C. C.; ORTELAN, Naiá; FERNANDES, Qeren H. R. F. F.; ORTIZ, Renzo J. F.; PALMEIRA, Raquel N.; JÚNIOR, Elzo P. P.; ARAGÃO, Érika; SOUZA, Luís E. P. F.; NETTO, Manoel B.; TEIXEIRA, Maria G.; BARRETO, Maurício L.; ICHIHARA, Maria Y.; LIMA, Raiza T. R. S. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 2423-2446, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SAÚDE COLETIVA (ABRASCO). *Plano Nacional de Enfrentamento da Pandemia de COVID-19*. Rio de Janeiro: ABRASCO, 2020. Disponível em: [https://frentepelavida.org.br/uploads/documentos/PEP-COVID-19\\_v3\\_01\\_12\\_20.pdf](https://frentepelavida.org.br/uploads/documentos/PEP-COVID-19_v3_01_12_20.pdf). Acesso em: 25 set. 2021.

BOTELHO, Flávio. Vacinação já reduziu os casos graves de Covid entre idosos. *In: AGÊNCIA BRASÍLIA [Site institucional].* 25 mar. 2021. Disponível em: <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2021/03/25/vacinacao-ja-reduziu-casos-os-graves-de-covid-19-entre-idosos/>. Acesso em: 22 set. 2021.

BRAY, Robert S. *Exércitos de pestilência: o impacto da doença na história*. Cambridge: ISD LLC, 2004.

CAPONI, Sandra. COVID-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 209-224, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ea/a/tz4b6kWP4sHZD7ynw9LdYYJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

CREPALDI, Maria A.; SCHMID, Batriz; NOAL, Débora S.; BOLZE, Simone D.; GABARRA, Letícia M. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LRmfcnxMXwrbCtWSxJKwBkm/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.

ESPINDOLA, Rebeca R. P. S.; LOPES, Camila P. Breve Análise das Operações de Logística Integrada da Vacina para Covid-19 no Brasil. *Revista FSA*, São Paulo, v. 18, n. 7, p. 1-12, 2021. Disponível em: [http://www.netlogconference.com/proceedings/papers/NETLOG\\_2020\\_paper\\_72.pdf](http://www.netlogconference.com/proceedings/papers/NETLOG_2020_paper_72.pdf). Acesso em: 15 set. 2021.

DO BÚ, Emerson A.; ALEXANDRE, Maria E. S.; BEZERRA, Viviane A. S.; SÁ-SERAFIM, Roseane C. N.; COUTINHO, Maria P. L. Representações e ancoragens sociais do novo coronavírus e do tratamento da Covid-19 por brasileiros. *Revista Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/9WTz3VHJxNBHkPMZMHhtXLC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 set. 2021.

DOMINGUES, Carla M. A. S. Desafios para a realização da campanha de vacinação contra a Covid-19 no Brasil. *Revista Caderno de Saúde Pública*, Brasília, v. 37, p. 1-5, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/KzYXRtNwy4fZjTXsgwSZvPr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2021.

FARIAS, Adriana. Legislação e ética profissional. In: CRC CEARÁ [Site institucional]. [s.d.]. Disponível em: [https://www.crc-ce.org.br/crcnovo/download/apost\\_eticacrc.pdf](https://www.crc-ce.org.br/crcnovo/download/apost_eticacrc.pdf). Acesso em: 22 set. 2021.

FREITAS, André R. R.; BECKDORFF, Otto A.; CAVALCANTI, Luciano P. G.; SIQUEIRA, André M.; CASTRO, Daniel B.; COSTA, Cristiano F.; LEMOS, Daniele R. Q.; BARROS, Eliana N. C. A emergência da nova variante P. 1 do SARS-CoV-2 no Amazonas (Brasil) foi temporalmente associada a uma mudança no perfil da mortalidade devido a COVID-19, segundo sexo e idade. In: SCIELO PREPRINTS [Site institucional]. 26 mar. 2021. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2030>. Acesso em: 22 set. 2021.

GIOVANELLA, Lígia; FRANCO, Cassiano M.; ALMEIDA, Patty F. Política nacional de atenção básica: para onde vamos? *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 1475-1481, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/TGQXJ7ZtSNT4BtZJgxYdjYG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.

GUIMARÃES, Reinaldo. Vacinas anticovid: um olhar da saúde coletiva. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 3579-3585, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5SCFJbDTxb9SkmKn8k7dPKP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 set. 2021.

KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a covid-19 no Brasil. *Revista Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 32, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/LdMLvxpDHBYGQt8fC5SZRp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2021.

LIMA, Eduardo J. F.; ALMEIDA, Amalia M.; KFOURI, Renato Á. Vacinas para Covid-19-o estado da arte. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, Recife, v. 21, p. 21-27, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/hF6M6SFrhX7XqLPmBTwFfVs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2021.

LOPES, Carlos R. A biopolítica do risco e o discurso negacionista sobre vacinação contra Covid-19. *Revista Porto das Letras*, Palmas, v. 7, n. 2, p. 103-117, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11556/18566>. Acesso em: 28 set. 2021.

MARY BAKER EDDY LIBRARY. *Como os cientistas cristãos agiram, diante da gripe espanhola de 1918–1919?* 18 mai. 2020. Disponível em: <https://www.marybakereddylibrary.org/pt-br/research/como-os-cientistas-cristaos-agiram-diante-da-gripe-espanhola-de-1918-1919/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

MAY, Roy H. *Discernimento moral: uma introdução à ética cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

MELO, Bernardo D.; PEREIRA, Daphine R.; SERPELONI, Fernanda; KABAD, Juliana F.; KADRI, Michele; SOUZA, Michele S.; RABELO, Ionara V. M. Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: recomendações aos psicólogos para o atendimento online. Rio de Janeiro: Fiocruz/Cepedes. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/42359/2/Sa%3%bade-e-Mental-e-Aten%3%a7%3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%3%a7%3%b5es-aos-psic%3%b3logos-para-o-atendimento-online-1.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

MENEZES, Carolline R.; SANCHES, Cristina; CHEQUER, Farah M. D. Efetividade e toxicidade da cloroquina e da hidroxicloroquina associada (ou não) à azitromicina para tratamento da COVID-19: o que sabemos até o momento? *Journal of Health & Biological Sciences*, [s.l.], v. 8, n. 1, p. 1-9, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/3206/1097>. Acesso em: 18 set. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Covid-19 no Brasil*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br>. Acesso em: 18 ago. 2021.

MORAES, Luís E. S. O negacionismo e as disputas de memória: reflexões sobre intelectuais de extrema-direita e a negação do holocausto. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), XIII, 2008, Seropédica. *Anais... Seropédica: ANPUH*, 2008. Disponível em: [http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212957377\\_ARQUIVO\\_Artigo-ANPUH-2008.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212957377_ARQUIVO_Artigo-ANPUH-2008.pdf). Acesso em: 02 out. 2021.

MOREL, Ana Paula M. Negacionismo da Covid-19 e educação popular em saúde: para além da necropolítica. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 1-14, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/pnVbDRJBcdHy5K6NSc4X65f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2021.

MOREIRA, Elaine; GOUVEIA, Rachel; GARCIA, Joana; ACOSTA, Luís; BOTELHO, Marcos; RODRIGUES, Mavi; KRENZINGER, Miriam; BRETTAS, Tatiana. Em tempos de pandemia: propostas para a defesa da vida e de direitos sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020.

OLIVEIRA, Anselmo G.; SILVEIRA, Dâmaris. Tratamento do Covid-19 com medicamentos experimentais em testes clínicos: desafios e perspectivas. *Revista Infarma*, Brasília, v. 32, n. 1,

p. 3-5, 2020. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/340464775\\_Tratamento\\_do\\_Covid-19\\_com\\_medicamentos\\_experimentais\\_em\\_testes\\_clinicos\\_desafios\\_e\\_perspectivas\\_Experimental\\_drugs\\_in\\_clinical\\_trial\\_for\\_Covid-19\\_treatment\\_challenges\\_and\\_perspectives](https://www.researchgate.net/publication/340464775_Tratamento_do_Covid-19_com_medicamentos_experimentais_em_testes_clinicos_desafios_e_perspectivas_Experimental_drugs_in_clinical_trial_for_Covid-19_treatment_challenges_and_perspectives). Acesso em: 18 set. 2021.

OLIVEIRA, Wanderson K.; DUARTE, Elisete; FRANÇA, Giovanni V. A.; GARCIA, Leila P. Como o Brasil pode deter a COVID-19. *Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/KYN SHRcc8MdQcZHgZzVChKd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2021.

OPAS. *OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia*. 11 mar. 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-LISBR1.1-47063>. Acesso em: 15 set. 2021.

ORO, Ari P.; ALVES, Daniel. Jair Bolsonaro, líderes evangélicos negacionistas e a politização da pandemia do novo coronavírus no Brasil. *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 54, p. 121-147, 2020. Disponível em: <http://www.ceil-conicet.gov.ar/ojs/index.php/sociedadreligion/article/view/728/609>. Acesso em: 04 out. 2021.

PERINI, Ernesto. O que move as *fake news* e o negacionismo científico. [Entrevista concedida a] Marco Weissheimer. SUL21, Porto Alegre, [n.p.], 27 nov. 2019. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/o-que-move-as-fake-news-e-negacionismo-cientifico/>. Acesso em: 22 set. 2021.

ROLLINS, Sarah E.; ROLLINS, Sean M.; RYAN, Edward T. *Yersinia pestis* e a peste. *Pathology Patterns Reviews*, [s.l.], v. 119, n. 1, p. 75-76, 2003. Disponível em: [https://academic.oup.com/ppr/article-abstract/119/suppl\\_1/S78/2291787](https://academic.oup.com/ppr/article-abstract/119/suppl_1/S78/2291787). Acesso em: 15 set. 2021.

SÁEZ, Andrés. La peste Antonina: una peste global en el siglo II d.C. *Revista chilena de infectología*, Santiago, v. 33, n. 2 p. 218-221, 2016. Disponível em: [https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0716-10182016000200011&script=sci\\_arttext&tlng=p](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?pid=S0716-10182016000200011&script=sci_arttext&tlng=p). Acesso em: 15 set. 2021.

SANTOS, Francisca E. Brasil: divisão, ideológica, intolerância religiosa e degradação ambiental em tempos de pandemia. *Revista Diálogos e Perspectivas Interventivas*, Serrinha, v.1, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/dialogos/article/view/10365/7512>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SENHORAS, Eloi M. Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. *Revista Boca*, Boa Vista, v. 1, n. 1, p. 30-35, 2020. Disponível em: <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Eloi>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SOUZA, Camila D.; MORALES, Manuel A. D.; PIOVEZAN, Adriane. Apresentação Dossiê 11: epidemias e suas narrativas multidisciplinares ao longo da História. *Revista M.*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 11-21, 2021.

XU, Zhe; SHI, Lei; WANG, Yijin;; ZHANG, Jiyuan; HUANG, Lei; ZHANG, Chao. Achados patológicos de COVID-19 associados à síndrome do desconforto respiratório agudo. *Revista Lancet Respir. Med.*, [s.l.], v. 8, p. 420-422, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32085846/>. Acesso em: 18 ago. 2021.